



APORTES PARA UMA REDESCRIBÇÃO DE GÊNERO, CINEMA E EDUCAÇÃO

Maria José Pereira Rocha*

Resumo: neste artigo, reflete-se sobre a eficácia de três narrativas que oferecem uma nova possibilidade de redescrição para o feminismo articulando cinema, educação e gênero. No que se refere à primeira opção, a aposta se dá com a escolha do filme *Escritores da liberdade*, que expõe, por meio de uma perspectiva fascinante e inspirada, o desafio da educação em um contexto social extremamente violento e problemático. Com relação à segunda, o enfoque centra-se na ideia do uso de entrevistas para falar de filmes, peças teatrais, músicas ou qualquer outro assunto. A terceira enfatiza a atividade de redescrever os procedimentos metodológicos sobre o feminismo mediante a realização de um documentário.

Palavras-chave: feminismo, gênero, cinema e pragmatismo

ABSTRACT: In this article, it reflects on the effectiveness of three narratives that offer a new opportunity for the redescription articulating feminism using cinema, education and gender. Regarding the first option, the wager is with the choice of the movie *Freedom Writers*, which presents, through an inspired and fascinating perspective, the challenge of education in a social context extremely violent and problematic. Regarding the second, the

* Doutora em Educação pela Faculdade de Filosofia e Ciências pelo Convênio Universidade Católica de Goiás (UCG) e Universidade Estadual Paulista (Unesp), Marília. Professora Adjunta no Departamento de Filosofia e Teologia da UCG e no Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Serviço Social (PPSS-UCG). Coordenadora da Rede Goiana de Pesquisa e Estudos de Gênero da Fundação de Amparo a Pesquisa de Goiás (Fapeg). Pesquisadora no Programa Interdisciplinar da Mulher – Estudos e Pesquisas (Pimep), no Núcleo de Estudos e Pesquisa em Estado, Sociedade e Cidadania (Nupec-SER-UCG), inserida na Linha de Pesquisa: Política Social, Movimentos Sociais e Cidadania no Centro de Estudos em Filosofia Americana e no Núcleo de Investigação de Gênero (NIG) da UCG. Endereço eletrônico: maze@cultura.com.br.

approach focuses on the idea of using interviews to talk about movies, plays, musics or any other matter. The third emphasizes the activity of re-describe the methodological procedures about feminism through the implementation of a documentary.

Keywords: feminism, gender, cinema and pragmatism

Ao me organizar para elaborar este artigo, esbocei algumas ideias norteadoras da trilha que queria seguir, porém o percurso não era tão claro. O fio condutor aparece por meio das palavras de Clarice Lispector em um pequeno texto em que anuncia três experiências fabulosas de sua vida. Amar, escrever e criar os filhos. Entre as várias observações reveladoras que ela faz, uma passagem em especial chama a atenção: “E no entanto cada vez que eu vou escrever, é como se fosse a primeira vez. Cada livro meu é uma estréia penosa e feliz. Essa capacidade de me renovar toda à medida que o tempo passa é o que eu chamo de viver e escrever” (LISPECTOR, 2004, p.190). Em sintonia com o pensamento de Clarice, quero desenvolver esta reflexão pensando na categoria de gênero, no cinema e na educação como uma inter-relação que possibilita o processo de ensino-aprendizagem.

Para concretizar esse objetivo, tomo como referência três narrativas: 1) um filme; 2) a ideia do uso de entrevistas para falar de filmes, peças teatrais, músicas ou qualquer outro assunto; 3) e uma relacionada com a atividade de redescrever os procedimentos metodológicos sobre o feminismo mediante a realização de um documentário.

No que tange à primeira opção, o destaque é para o filme *Escritores da liberdade* (Freedom Writers, EUA, 2007), cujo argumento relata, por meio de uma perspectiva fascinante e inspirada, o desafio da educação em um contexto social extremamente violento e problemático.

O mencionado filme é baseado na história real de Erin (interpretada por Hilary Swank), que busca infundir nos seus alunos problemáticos a ideia de que é preciso aprender algo sobre a tolerância, valorizar a si mesmos, investir em seus sonhos e dar continuidade a seus estudos além da escola básica. Ela é uma professora novata interessada em ministrar Língua Inglesa e Literatura para uma turma de adolescentes considerados ‘turbulentos’ e resistentes à aprendizagem escolar.

A turma é composta por um grupo heterogêneo, e alguns estão ali cumprindo pena judicial, o que leva a inferir que a grande maioria da sala é refém das gangues e apresenta um comportamento diametralmente oposto ao convívio pacífico com os diferentes.

A segunda possibilidade se materializa na ideia de que um autor, diretor, músico e compositor, ao falar sobre sua criação, redescreve para quem o assiste. No processo de elaboração, houve uma concepção, um plano da obra a ser realizada, porém este sofre a interferência de atores, técnicos, fotógrafos e de produtores. Mudam-se ângulos e imagens. Elegem-se umas cenas e não outras. A tentativa é fazer o melhor produto e convencer quem está assistindo ou lendo pela primeira vez a obra.

Como alternativa para pensar a estratégia proposta, lanço mão de três entrevistas exemplares. A primeira é a de Richard Rorty publicada no livro *Contra os chefes, contra as oligarquias* (2001). Nele, este autor concebe o patriotismo como uma forma de orientação política. Reitera que “O orgulho nacional é para os países o que a auto-estima é para os indivíduos: uma condição necessária para o aperfeiçoamento” (RORTY, 2001, p. 44). Somando a tudo isso, vale destacar que Rorty estudou os filósofos que lidam com a epistemologia e a filosofia da linguagem por mais de quarenta anos. Ao que tudo indica, por essas vias, “redescobre a própria tarefa da filosofia” (GHIRALDELLI JR.; RODRIGUES, 2001, p. 8).

A segunda escolha está pautada na experiência de Giovanna Borradori publicada no livro *A filosofia americana. Conversações* (2003). Esta obra constitui-se de nove diálogos que registram a fala de alguns dos protagonistas mais emblemáticos da filosofia americana contemporânea. E, de acordo com a autora, o objetivo especial do livro é “procurar ultrapassar um ‘muro’, que, diferentemente de muitos outros da Europa passada e presente, é feito de ‘água’. Superar o ‘muro do Atlântico’ não quer dizer então abate-lo a golpes de picareta, mas reconstruir suas rotas, navega-lo, habitá-lo” (BORRADORI, 2003, p. 12).

A estratégia de Borradori sugere uma transgressão física, temporal, geográfica e de linguagem. O diálogo, o contar uma história e registrá-la com base nas anotações e fitas gravadas, abre brechas para uma nova descrição da filosofia.

Nessa mesma linha de raciocínio, a última opção que elejo como a principal referência para meus propósitos neste texto é a entrevista de Pedro Almodóvar publicada no livro de Frederic Strauss (2008) denominado *Conversas com Almodóvar*, elaboração e registro que privilegia um dos maiores cineastas dos últimos tempos. O livro narra a história de seu desejo ao revelar os anseios de uma pessoa que decidiu se tornar cineasta na década de 1970. Strauss (2008, p. 12) sugere que o conteúdo do livro é

também a história de Pedro Almodóvar, que manifestou um desejo de independência e liberdade radical com filmes cujo êxito passava pela criação de uma nova ligação com o espectador. Filmes que se ligam à nossa emoção, fazendo-nos rir ou chorar, e que nos ligam à liberdade, liberdade de espírito e de todos os desejos. Uma forma de amar o cinema – e de fazer com que ele seja amado – que tem uma dimensão fantástica e vai direto ao coração.

Com o intuito de unir o conjunto de ideias já explanado, retomo a citação anterior como um argumento fascinante que permite fazer um exercício inovador que me induz a voar, a experimentar, com as palavras, novas maneiras de contar uma história. Esta compreensão de Strauss ata-se e condiz perfeitamente com a concepção de Rorty ao propor que a forma diferente de auto-descrição é tarefa dos grandes poetas. Isso porque o poeta forte, ao realizar essa proeza, quebra os vocabulários apresentando uma liberdade de criação maior. Nesse sentido, o autor produz com sua narrativa uma sensibilidade que um leitor não tinha.

Tal fenômeno implica a aposta de exercitar a redescrição como tarefa que crie uma versão melhor de nós. O que significará a interessante arte de escrever e contar outras histórias que comporão um novo significado.

Dos três livros de entrevistas aqui citados, o que mais me provocou e sensibilizou com sua narrativa foi *Conversas com Almodóvar*. Nele, o cineasta fala de sua vida, das descobertas, das experiências e dos filmes realizados. Ele revela o que existe de autobiografia e de ficção em suas obras e, ao articular fantasia e realidade, marca o que concebe como uma narrativa em si. No diálogo que travou com Strauss (2008, p. 257), ele explicita a sua noção de narrativa ao afirmar:

[...] Uma das explicações é, provavelmente, que há nos meus dois últimos filmes uma espécie de celebração do que é a narração em si – em todo caso, daquilo que pessoalmente considero narração. Em *Fale com ela*, a celebração passa por Benigno, que conta a Alicia tudo que vê. Ele transforma em narrativa os balés a que assiste, e, numa primeira versão do roteiro, eu também o fazia contar vários filmes. A narração é um meio de cercar Alicia de tudo o que ela gostava na vida, visto que, segundo o que Benigno sabe, ela gostava de dança e cinema. [...] É isso que me interessa, as passagens de uma personagem a outra, de uma história a outra, estar sempre no interior da invenção. No fim, o estilo de narração que pratico é um pouco como o das *Mil e uma noites*, em que a ficção é interrompida por uma outra ficção, que por sua vez é interrompida para que se volte à precedente. Gosto dessas ramificações, do desenvolvimento vivo da narrativa. [...]

O que este cineasta realiza com suas narrativas nos permite exercitar uma nova aula, uma nova metodologia de aprendizagem que revela o desafio de transpor liberdades de construção jamais pensadas, de reinventar a vida, as palavras, as ideias, dando-lhes um outro sentido ao inventar e ousar passos no chão de uma esperança crescente. Almodóvar, com seu exercício de recriação e arte, cintila sonhos que permitem voos que incentivam a imaginação. Ele ainda sugere:

[...] Quando se faz um filme, não se para de desvendar mistérios, de fazer descobertas. Quando se escreve, quando se filma, quando se faz montagem e mesmo quando se faz a promoção, descobrem-se coisas sobre a história que o filme conta, sobre si mesmo e sobre os outros (STRAUSS, 2008, p. 259).

No que se refere à terceira perspectiva, ela está focada na redescrição dos procedimentos metodológicos sobre o feminismo mediante a realização de um documentário inspirado na pesquisa *O Impacto do Feminismo no Espaço Público e Privado*, de 2006-2008. Após a coleta de dados em vários lugares da cidade de Goiânia, decidiu-se ouvir e ler cada entrevista realizada. Logo em seguida, foi feita a seleção do conteúdo que deveria compor o vídeo que, na opinião das pesquisadoras, narraria a própria voz das mulheres apresentando as mudanças que elas percebiam no cotidiano e na sociedade com relação ao feminismo.

Depois de muitas tentativas, elaborou-se um roteiro. A etapa seguinte consistiu em editar o material coletado com base no roteiro pré-estabelecido. Fase difícil, já que ninguém da equipe entendia de edição. Com a assessoria de um estudante de audiovisual, foi possível editar um vídeo artesanal de maneira satisfatória, ainda que com grandes imperfeições.

O primeiro plano de filmagem esboçado era a queda de uma corrente de água que explodia sobre uma pedra, acompanhada de uma música forte significando impacto, rupturas e fragmentos dessa narrativa. Um trecho de poesia une a narrativa, que faz o liame com as falas de três gerações de mulheres e ao mesmo resgata o passado, o presente e sinaliza abrindo brechas para o futuro do discurso apropriado e reconstruído pelas próprias mulheres. No entanto, as cenas foram organizadas e a narrativa foi fluindo num processo de criação e arte de um novo produto.

Assim, é possível afirmar que desde o final do século passado as feministas e as mulheres do movimento de mulheres têm realizado um esforço no intuito de dar visibilidade e registrar as ações do movimento feminista incorporando-as no cerne da sociedade e cultura.

Para concretizar esse feito, lançaram mão de toda criatividade e inventividade ao elaborar e esculpir em palavras essa história e experiência. Com imaginação, poetizaram as dores, os sofrimentos e as alegrias de homens e mulheres. Orquestraram sons e tons de uma nova melodia regida em fina sintonia de ideias e práticas que engendraram desenhos e pinturas de paisagens estimulantes do cotidiano nos espaços públicos e privados. Como um precioso legado, fotografaram, guardando a memória traduzida das experiências de pequenos grupos e manifestações coletivas que constituíram uma fonte onde se pode beber, renovar as energias, desvendar e dar significado ao passado.

Com arte e graça, apropriam-se dos instrumentos tecnológicos capturando as imagens por meio das fabulosas lentes de suas câmaras para imortalizar e tecer com liberdade novas formas de registro, ousando inovar ao edificar uma nova versão imagética do feminismo que sugere a desbanalização do que já está instituído.

Na continuidade, optou-se por trazer a memória do movimento feminista na cidade contada por meio de fotografias que registraram uma longa caminhada dessas três gerações de mulheres. O cenário muda, e várias mulheres emitem sua opinião sobre as mudanças influenciadas pelos feminismos, pós-feminismo, gênero, discriminação e o nome de algumas feministas citadas como referência de luta.

Os resultados da pesquisa revelaram que as mulheres participantes da investigação assimilaram as propostas feministas e reconheceram o movimento como legítimo, bem como o responsável pelas mudanças alcançadas por elas na sociedade. Outro elemento importante que destacaram foi que os direitos de cidadania e o trabalho devem ser considerados as mais relevantes mudanças no pós-feminismo.

No que tange à categoria gênero, esta foi abordada como uma noção polissêmica, indicando que não há único sentido e nem consenso na sua definição. Com relação ao feminismo, as entrevistadas demonstraram riqueza na compreensão deste conceito ao indicarem várias concepções sobre ele. Também estas mulheres relataram que sofreram vários tipos de discriminação no trabalho, na família e na sociedade em geral.

Apoiando nesses argumentos, é possível considerar a narração um instrumento que articula a teoria de gênero, a educação e o feminismo da seguinte forma: no filme, a professora Erin resolve adotar novos métodos de ensino, ainda que sem a concordância da diretora do colégio. Com firmeza e autonomia, a educadora entregou a seus alunos um caderno e os incentivou a escreverem, diariamente, sobre aspectos de suas próprias vidas, desde conflitos internos até problemas familiares.

Ela também indicou a leitura de diferentes obras sobre episódios cruciais da humanidade, como o célebre livro *O diário de Anne Frank*, com o objetivo de fazer os alunos perceberem a necessidade de tolerância mútua, sem a qual muitas barbáries ocorreram e ainda podem se perpetrar.

O empenho da professora pela mudança e o respeito dirigido aos alunos ganharam a adesão destes e, com o passar do tempo, eles vão se engajando na nova tarefa, que se resumia em escrever nos diários e trocar experiências de vida, o que possibilitou novas atitudes e uma convivência mais pacífica e o início do exercício da tolerância, superando entraves em suas próprias rotinas. Assim, eles reuniram seus diários em um livro, que foi publicado nos Estados Unidos em 1999, após uma série de dificuldades.

A preocupação central ao descrever e enfatizar inicialmente essa narrativa de forma sintética foi dar uma ideia global da problemática socioeducativa-política abordada no filme, mas, sobretudo, destacar o papel da educação como instrumento de transformações individuais e comunitárias.

Para que isso aconteça de fato, é necessário articular o ato de amor na relação de vida e na relação pedagógica para que novas liberdades sejam construídas e conquistadas.

Considerando-se essa opção de análise já explicitada, cabe agora usar os aportes de Rorty no sentido de dizer que, ao conceber a auto-descrição tarefa dos grandes poetas e outros especialistas, ele reinventa a própria tarefa da filosofia ao propor estratégias redescritivas.

Estas podem ser compreendidas quando aparecem situações nas quais é preciso defender direitos já assegurados legalmente ou direitos mais ou menos consensuais, ou ampliar direitos conhecidos por muitas pessoas para aquelas que ainda não usufruíram deles. Mas, não só, ampliam-se os direitos das pessoas na medida em que se ‘inventam’ direitos jamais sonhados (GHIRALDELLI JR., 2005, p. 17).

Almodóvar, como professor do desejo, escreve melhor, segundo ele, com a câmara e sabe como ninguém misturar e reformular os gêneros cinematográficos assim como mistura, altera e reformula os gêneros masculino e feminino, na forma de uma grande aula que ocorre fora do espaço escolar e, por isso, permite dar asas à transgressão, no intuito de inovar a reflexão sobre o tema em foco, isto é, recuperar a capacidade de recriar as opções de exercício pautado pela liberdade.

O vídeo da pesquisa se articula com os argumentos mencionados desde sua concepção até a fase de execução do projeto, que incorporou alguns alunos nas principais etapas de produção de vídeo. Tanto para as pesquisadoras quanto para os estudantes, esse momento foi de grande aprendizagem no sentido de construir os instrumentos que possibilitassem coletar os dados e realizar a filmagem e edição do vídeo. Quando este foi finalizado, passou-se à etapa seguinte, que consistiu em apresentar e debater o documentário em várias instâncias. Na universidade, nos seminários nacionais e também no movimento de mulheres rurais. O aspecto mais importante a ser destacado é que, em todos lugares onde o vídeo foi apresentado, muitas pessoas se identificaram com a narrativa ali registrada e sempre havia brecha para sugerir a continuidade da pesquisa e a produção de outros vídeos sobre a temática.

Por várias razões, a elaboração deste artigo passou por momentos cruciais, mas, parafraseando Clarice Lispector citada no início do texto, afirmo que a experiência de escrevê-lo foi uma estreia penosa e feliz. Ainda que esta tarefa tenha se dado num contexto de ambiguidade, foi possível superar os obstáculos e desenvolvê-la. Concordo plenamente com essa autora no sentido de afirmar que esta atividade devolveu-me a capacidade de pensar, articular e me renovar e, ao mesmo tempo, avivou em mim a chama do desejo de inventar uma narrativa com base em todas aqui mencionadas e outras que foram se encaixando prazerosamente. Sinto feliz porque a chama do desejo continua a me desafiar sempre.

Referências

BORRADORI, Giovanna *A filosofia americana: conversações com Quine, Davidson, Putnam, Nozick, Danto, Rorty, Cavell, MacIntyre e Kuhn*. São Paulo: Edunesp, 2003.

ESCRITORES DA LIBERDADE. Direção: Richard Lagravenese. Produção: Richard Lagravenese. Roteiro: Richard Lavagranese, Erin Gruwell, Freedom Writers. Elenco: Hillary Swank; Patrick Dempsey; Scott Glenn, Imelda Staunton; April Lee Hernandez; Kristin Herrera; Jacklyn Ngan; Sergio Montalvo; Jason Finn; Deance Wyatt. EUA/Alemanha, 2007. Duração: 123 min. Genero: Drama.

GHIRALDELLI JR., P. Uma nova agenda para filosofia. In: RORTY, Richard. *Pragmatismo e política*. São Paulo: Martins, 2005.

GHIRALDELLI JR., Paulo; RODRIGUES, Alberto Tosi. Prefácio. Rorty: da linguagem à filosofia política democrática. In: RORTY, Richard. *Contra os chefes, contra as oligarquias: Richard Rorty entrevista a Derek Nystrom e Kent Puckett*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LISPECTOR, Clarice. *Aprendendo a viver*. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

RORTY, Richard. *Contra os chefes, contra as oligarquias: Richard Rorty entrevista a Derek Nystrom e Kent Puckett*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

STRAUSS, Frederic *Conversas com Almodóvar*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.